

A educação intercultural em prática: a literatura marginal/periférica e o sarau dos Mesquiteiros

Resumo

Resumo: O presente artigo tem como objetivo compreender as atividades culturais que envolvem a literatura marginal/periférica e o sarau como práticas de Educação Intercultural no Sarau do Mesquiteiros, realizado em uma escola estadual na periferia paulistana, por meio de entrevistas individuais semiestruturadas e das práticas culturais apresentadas pelos participantes do coletivo cultural Os Mesquiteiros. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e tem como aporte teórico os estudos de Candau (2005); Fleuri (2003); Freire (2011); e Dalcastagnè (2007; 2008). Os resultados obtidos nesta pesquisa fizeram compreender a literatura marginal/periférica e as atividades culturais realizadas no Sarau dos Mesquiteiros como práticas de educação intercultural que buscam um resgate e reconstrução dos processos de identidades culturais, um espaço mobilizador e de pertencimento e na produção cultural que é destinada e produzida por seus pares.

Palavras-chave: Educação Intercultural cultura, sarau, literatura marginal/periférica

Scarlet Karen Buzzi
sca_karen@yahoo.com.br

Taís Aline Eble
taiseble@gmail.com

Introdução

Este artigo decorre de uma dissertação de mestrado em educação que compreende a literatura marginal/periférica e o sarau como práticas de Educação Intercultural no Sarau dos Mesquiteiros¹. No final da década de 1990, na literatura brasileira, a nomenclatura “marginal” reaparece para representar um novo grupo de escritores representantes da própria periferia, principalmente a de São Paulo, e que apresenta como temática a periferia como esses escritores a conhecem e vivenciam.

A conceitualização da nomenclatura literatura marginal está associada ao escritor Ferréz, Reginaldo Ferreira da Silva, que foi quem retomou o termo marginal para nomear a literatura produzida por ele e que caracterizou, posteriormente, os autores representativos dessa nova geração de escritores marginais.

Autores, como Alessandro Buzo Sacolinha, Sérgio Vaz, Elizandra Souza, Allan Santos da Rosa, Rodrigo Círiaco e Dinha, se assumem como escritores marginais e compartilham essa nomenclatura com Ferréz. Utilizam a terminologia marginal vinculada a sua produção literária, pois a expressão caracteriza o contexto de marginalidade social e cultural ao qual os escritores consideram-se submetidos.

Paralelamente a literatura marginal/periférica os diversos saraus que ocorrem na periferia de São Paulo, que se configuram como ambientes para produção de diversas manifestações culturais na periferia e de propagação da literatura marginal/periférica.

Neste artigo tomo como objeto de estudo o Sarau dos Mesquiteiros que desde 2009 é desenvolvido pelo coletivo cultural Os Mesquiteiros, em uma escola pública da periferia de São Paulo, uma vez por mês e ocorre todo último sábado de cada mês.

O Sarau dos Mesquiteiros tem início às 17 horas e termina, aproximadamente, às 21h. Mensalmente, leva, para os recitais, autores de literatura marginal, como Allan da Rosa, Alessandro Buzo, Sérgio Vaz, Ferréz, Elizandra Souza, Marcelino Freire e Sacolinha, e também jornalistas, artistas, músicos, coletivos culturais, que abordam o tema cultura periférica, cultura *hip hop* e, principalmente, a literatura marginal/periférica.

¹ O Sarau dos Mesquiteiros, evento cultural e literário, é realizado em uma escola estadual da periferia da capital paulistana desde 2009 pelo coletivo cultural Os Mesquiteiros, organizado pelo escritor marginal/periférico e professor de história Rodrigo Círiaco.

A literatura marginal/periférica, a cultura periférica e a cultura *hip hop* estão presentes em todas as atividades do Sarau, sendo a literatura marginal/periférica o objetivo principal elencado pelo grupo, com a finalidade de apresentar os escritores periféricos e a realidade da literatura produzida por escritores provenientes da periferia.

Para a análise desta pesquisa foram realizadas entrevistas semiestruturadas com dez integrantes que compõem o coletivo cultural Os Mesquiteiros e foram realizadas em junho de 2013.

O coletivo cultural Sarau dos Mesquiteiros é constituído por jovens, adolescentes, professores, escritores e a comunidade que permeia a escola estadual, onde são realizadas as oficinas de teatro, o sarau, sessões de cinema, entre outras manifestações culturais, com a finalidade de promover a cultura da periferia e a literatura marginal/periférica.

Por ser um sarau que utiliza o espaço de uma escola estadual na periferia e que tem como finalidade desenvolver a cultura periférica a prática da Educação Intercultural nesse ambiente pode ser desenvolvida, pois a Educação Intercultural propõe uma interação entre as culturas praticadas na escola e considera que, muitas vezes, no âmbito escolar, há uma ausência de diálogo que gera tensões entre a cultura oficial e a cultura local. A própria educação, de acordo com Fleuri (2003, p.18),

[...] em particular, a escola, tem desempenhado o papel de agenciar a relação entre culturas com poder desigual (colonizadores x colonizados, saber formal escolar x saber informal cotidiano, cultura nacional oficial x culturas locais...) contribuindo para a manutenção e difusão dos saberes mais fortes contra as formas culturais que eram consideradas como limitadas, infantis, erradas, supersticiosas.

No contexto exposto, a literatura marginal/periférica configura-se entre a cultura não oficial, a não erudita, e firma-se na cultura periférica, a local, a marginal. A educação intercultural abre uma possibilidade de contemplar essa cultura, no ambiente da educação intercultural, como prática de promoção de uma educação para o reconhecimento do “outro” e para o diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais.

Sendo assim o objetivo deste estudo é compreender as atividades culturais que envolvem a literatura marginal/periférica e o sarau como práticas de Educação Intercultural no Sarau do Mesquiteiros.

O Sarau dos Mesquiteiros e as práticas de educação intercultural

No Sarau dos Mesquiteiros, há várias práticas culturais desenvolvidas por meio da literatura, da música, do cinema, do teatro, da dança, do *graffite*, da fotografia e dos debates como forma de expressão e de comunicação e da arte e que se pretende nesse artigo compreendê-las como práticas que promovem uma Educação Intercultural no Sarau dos Mesquiteiros.

Os participantes expõem as suas experiências, sentimentos, esperança, expectativas e também o seu posicionamento diante dos problemas e desigualdades sociais no sarau e consideram como objetivos principais do Sarau e do Grupo Os Mesquiteiros as práticas que envolvem a cultura e a literatura marginal/periférica.

Os dizeres analisados na sequência deste artigo são resultado de entrevistas semiestruturadas com dez integrantes – M1, M2, M3, M4, M5, M6, M7, M8, M9 e M10 – que compõem o grupo Os Mesquiteiros no período 2013 e as atividades culturais que envolvem a literatura marginal/periférica dos participantes do Coletivo Cultural Os Mesquiteiros que participaram da entrevista no Sarau dos Mesquiteiros, realizado em uma escola na periferia da cidade de São Paulo, especificamente na Zona Leste.

Para compreender as atividades culturais como práticas de Educação Intercultural no Sarau dos Mesquiteiros trago, inicialmente, os seguintes dizeres de M10 sobre a literatura marginal/periférica:

Nosso eixo de trabalho é a literatura marginal-periférica. Uma literatura que utiliza uma linguagem coloquial, popular, com muitas gírias, dialetos que são utilizados no dia a dia. Além da temática, que faz parte dos textos, das apresentações que acontecem no sarau tem tudo a ver com o cotidiano, o dia a dia das pessoas que aqui moram.

Ainda para M10, literatura marginal é

[...] uma literatura da quebrada, feito na quebrada, dentro das condições geográficas, sociais, políticas e financeiras que as periferias nos oferecem. É a literatura que, ainda, em sua maior parte, está à margem do mercado editorial, das grandes feiras literárias e das leis e editais de incentivo. Um literatura viva, com grande força na linguagem oral, que explora muito o corpo e a musicalidade na sua narrativa e na sua poesia.

Conforme apontam os dizeres de M10, a literatura marginal “*tem tudo a ver com o cotidiano, o dia a dia das pessoas*” que moram na periferia, está “*à margem do mercado editorial*” e “*explora muito o corpo e a musicalidade na sua narrativa e na sua poesia*”.

M10, ao explicar o que considera literatura marginal-periférica me remete à literatura marginal/periférica produzida por autores da década de 1990, oriundos, principalmente, da periferia de São Paulo. Nesse contexto, situa-se o escritor Ferréz, que deu início à definição do termo literatura marginal para os autores da geração de escritores da cena marginal/periférica. Para esse autor, “A Literatura Marginal [...] é uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas. Literatura feita à margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional, ou seja, os de grande poder aquisitivo.” (FERRÉZ, 2005, p. 12).

Portanto, a literatura marginal proposta por Ferréz é produzida pelas minorias e apresenta temas periféricos. Assim, a linguagem coloquial e associada às estruturas das letras de *rap*, gírias são as características da linguagem das obras da literatura marginal/periférica dessa geração de escritores marginais/periféricos.

A apropriação do “marginal” se dá pelas questões sociais retratadas nas obras, pelo ambiente periférico e pela própria condição dos escritores que estão à margem da elite literária e, até mesmo, pela subversão ao cânone literário.

Ainda sobre literatura marginal, M8 considera que:

[...] literatura marginal é de fato a literatura que fala de fato, do povo, porque Jorge Amado também fala do povo, Guimarães Rosa também fala do povo, mas literatura marginal é o povo falando do próprio povo é como se fosse as impressões de nós próprios pela nossa realidade, os grandes escritores da literatura marginal todos saíram da periferia, Ferréz por

exemplo morava na favela do Capão Redondo, não é como por exemplo o Jorge Amado que saiu de sua bela casa e foi dormir uma semana com as crianças num trapiche, não estou desmerecendo a obra de Jorge Amado, não é isso, essa é a diferença da literatura marginal pra outro tipo de literatura que falam do povo.

A obra do escritor Jorge Amado referida por M8 é **Capitães da Areia** (2008), escrita em 1937, durante viagens à Europa. Essa obra foi censurada, e Jorge Amado, preso pela polícia do Estado Novo (1937-45). **Capitães da Areia** tem como personagens principais meninos de rua. A obra retrata a vida de menores abandonados e infratores que viviam nas ruas de Salvador, na Bahia, e se abrigavam entre os trapiches dessa cidade. Além da temática do menor abandonado que sobrevive na rua, **Capitães da Areia** sugere discussões sobre conflitos e diferenças sociais, pluralidade cultural, prostituição, homossexualismo e movimentos de trabalhadores, sendo visto pela crítica como romance panfletário e com tendências de engajamento político socialista. De acordo com Bosi (1995, p.52), o autor de **Capitães de Areia** é “apenas um baiano romântico e sensual”, definição a qual considera

[...] justa, pois resume o caráter de um romancista voltado para os marginais, os pescadores e os marinheiros da sua terra que lhe interessam enquanto exemplos de atitudes “vitais”: românticas e sensuais... A que, vez ou outra, emprestaria matizes políticos. A rigor, não caminhou além dessa colagem psicológica a ‘ideologia’ do festejado escritor baiano. Nem a sua poética, que passou incólume pelo realismo crítico e pelas demais experiências da prosa moderna, ancorada como estava em um modelo oral-convencional de narração regionalista. Cronista de tensão mínima...

Quanto à produção literária de Guimarães Rosa, igualmente mencionada por M8, cabe apontar que o escritor é consagrado pela crítica literária. Na obra de Guimarães Rosa destacam-se o ambiente do sertão brasileiro, a vida do sertanejo, a cultura regional do sertão, a linguagem marcada por influência de falares regionais, a criação de neologismos e arcaísmos e palavras populares, invenções e intervenções semânticas e sintática.

A respeito do encontro da cultura popular retratada por escritores, como Guimarães Rosa, o crítico Alfredo Bosi assevera que,

Desse contacto podem nascer frutos muito diferentes entre si, e que vão do mais cego e demagógico populismo, que é a má consciência este do elitismo básico de toda sociedade classista, à mais bela obra de arte elaborada em torno de motivos populares, como a música de Villa-Lobos, o romance de Guimarães Rosa, a pintura de Portinari e a poesia negra de Jorge de Lima. (BOSI, 1992, p. 330-1).

Além de Jorge Amado e Guimarães Rosa, M8 citou Ferréz, que é considerado um dos precursores da literatura marginal/periférica e cujo livro que iniciou a sua carreira, em 1997, e que de acordo com Nascimento (2006), foi **Capão Pecado**, o qual, na época, teve uma nota publicada no jornal Folha de São Paulo. Segundo essa nota, o adjetivo “desempregado” é utilizado para caracterizar a sua função, em vez da palavra “escritor” que é a sua profissão e apresenta o livro como um romance que retrata a vida de personagens de um dos bairros mais violentos da capital paulistana.

Desempregado do Capão Redondo escreve romance baseado em histórias verdadeiras de um dos bairros mais violentos de São Paulo; livro sem editora está pronto, mas o autor muda trechos quando algum personagem morre na vida real. (JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO, 06 de janeiro de 2000 apud NASCIMENTO, 2006, p.107).

A apresentação feita pelo Jornal Folha de São Paulo denota, na crítica, o papel da mídia, que desvaloriza a produção cultural /literária, não aceitando Ferréz como escritor, e sim como desempregado de um bairro periférico que escreve um livro sobre algo que lhe é familiar.

O exposto por M8 a respeito de Jorge Amado, Guimarães Rosa e Ferréz converge para as afirmações de Dalcastagnè (2008), visto que esse autor aborda a ótica sob a qual temas da periferia são enfocados pelos atores. Nesse sentido, na literatura marginal/periférica, no caso, representada por Ferréz, a periferia foi apresentada na literatura por seus pares. Até então, o mesmo não ocorria², ou seja, eram representados quase que exclusivamente por autores que não faziam parte das camadas periféricas, sendo assim vistas e retratadas por escritores, em sua maioria, de classe média e que

² Com exceção de escritora Carolina de Jesus, primeira e única até então, representante da literatura dos excluídos socialmente no Brasil, ou seja, escrita por autores provenientes de classes sociais baixas e de periferia.

escreviam “em nome deles” nem para eles, como, por exemplo, os autores citados por M8. Nessa direção, segundo Dalcastagnè (2008, p. 78, grifo do autor),

O silêncio dos marginalizados é coberto por vozes que se sobrepõem a ele, vozes que buscam falar *em nome deles*, mas também, por vezes, é quebrado pela produção literária de seus próprios integrantes. Mesmo no último caso, tensões significativas se estabelecem: entre a ‘autenticidade’ do depoimento e a legitimidade (socialmente construída) da obra de arte literária, entre a voz autoral e a representatividade de grupo e até entre o elitismo próprio do campo literário e a necessidade de democratização da produção artística.

Em se tratando de “falar por alguém”, Dalcastagnè (2008, p.80) afirma que

[...] é sempre um ato político, às vezes legítimo, freqüentemente autoritário – e o primeiro adjetivo não exclui necessariamente o segundo. Ao se impor um discurso, é comum que a legitimação se dê a partir da justificativa do maior esclarecimento, maior competência, e até maior eficiência social por parte daquele que fala. Ao outro, nesse caso, resta calar. Se seu modo de dizer não serve, sua experiência tampouco tem algum valor (DALCASTAGNÈ, 2008, p.80).

A literatura marginal, ainda nas palavras de M8, [...] quer mostrar a educação, a difusão da cultura, não é só simplesmente mostrar a periferia como uma notícia de jornal na coluna policial [...]. Esses dizeres apontam para a possibilidade de um discurso de reconhecimento social de autores que tem “algo” a falar e desvelar preconceitos. A periferia não é só notícia de tragédias publicadas em reportagens policiais; é muito mais; e quer ter voz e ser ouvida,

é perceber que não se trata apenas da possibilidade de falar – que é contemplada pelo preceito da liberdade de expressão, incorporado no ordenamento legal de todos os países ocidentais – mas da possibilidade de ‘falar com autoridade’, isto é, o reconhecimento social de que o discurso tem valor e, portanto, merece ser ouvido. (DALCASTAGNÈ, 2008, p.80).

Ao propor a divulgação, a promoção e o conhecimento da literatura marginal/periférica no Sarau dos Mesquiteiros como um dos objetivos principais, apresentados à comunidade e ao público pelos participantes do grupo, as atividades e as

práticas que são estabelecidas em torno dessa literatura no sarau configuram-se como processos de reconhecimento do direito a diferenças, da discriminação e de desigualdades sociais e no sentido, também, de tentar promover relações dialógicas e igualitárias entre os grupos e pessoas pertencentes a universos culturais diversos e trabalhando os conflitos inerentes à realidade e, principalmente, sendo tratados por quem os vivência. Essas particularidades são práticas de Educação Intercultural que são desenvolvidas no Sarau dos Mesquiteiros.

A literatura marginal/periférica surge, então, como manifestação que se contrapõe, também, à estética literária dominante e elitizada e incorpora, em sua construção literária, elementos do coloquialismo, o falar do povo da periferia, temas referentes ao universo periférico e resgates históricos de classes socialmente desfavorecidas e, até, na nomenclatura, se denomina marginal pelo fato de ser representada por escritores e por temas à margem da sociedade.

O mesmo se pode dizer da expressão literária. Aqueles que estão objetivamente excluídos do universo do fazer literário, pelo domínio precário de determinadas formas de expressão, acreditam que seriam também incapazes de produzir literatura. No entanto, eles são incapazes de produzir literatura exatamente porque não a produzem: isto é, porque a definição de 'literatura' exclui suas formas de expressão. Assim, a definição dominante de literatura circunscreve um espaço privilegiado de expressão, que corresponde aos modos de manifestação de alguns grupos, não de outros (DALCASTAGNÈ, 2008, p.80-81).

Também encontrei, nos dizeres de M2 e M3, a exemplo de M8, que, nos saraus, Os Mesquiteiros falam por si próprios, de sua própria realidade. Segundo M2,

[...] muitos textos que eu já fiz, que eu já interpretei ou que eu mesmo escrevi, representa muito o que passa aqui, tipo o meu texto que foi publicado foi uma... como é que eu posso dizer, o nome do meu texto: "Eu vou matar ele na segunda", é uma observação de tudo que eu vi e de tudo que eu ouvi aqui.

M3, por sua vez, associa a literatura marginal/periférica, ao rap, ao sarau e a sua realidade e cultura:

[...] o sarau e a literatura [periférica] serve pra retratar a realidade, cultura pra comunidade, cultura pra gente né, outra coisa também, por exemplo eu

não enxergo o sarau sem ser o rap, nunca ouvi um sarau com música sertaneja por exemplo, sarau pra mim é rap. O rap é realidade e o sarau é rap.

Acerca do papel da literatura marginal/marginal nos saraus da periferia, M10 discorre sobre a relevância quanto à nova configuração dos saraus na periferia:

[...] não haveria o sarau – tal qual ele existe hoje, no formato que trabalhamos – se não fosse a literatura marginal-periférica. Não inventamos o sarau, mas a configuração, a maneira como ele acontece hoje, nos bares, escolas, centros culturais e outros espaços, é um feito da literatura marginal-periférica. A popularização dos saraus é um feito das periferias, e não vejo como dissociar, separá-los.

Os saraus da periferia de São Paulo surgem com a intenção de propagação de manifestações culturais periféricas e, principalmente, a literatura marginal/periférica.

O integrante M8 declara que

[...] A literatura marginal é o coração e o pulmão do sarau, não só do sarau dos Mesquiteiros, mas de todo sarau da periferia, que fica na zona leste, norte, oeste e sul na periferias é o coração é o pulmão [...]

Na cidade de São Paulo, são vários os saraus realizados com a intenção de promover a cultura periférica e a literatura marginal/periférica. Esses saraus realizados na periferia da cidade de São Paulo se assemelham ao Sarau dos Mesquiteiros, pois podem ser caracterizados como ambientes de promoção e valorização social, reconhecimento da identidade e pertencimento e espaços mobilizadores, de transformação e de festa. O que diferencia o Sarau dos Mesquiteiros dos demais é o fato de ser localizado dentro de uma escola pública envolvendo a comunidade, os professores, pais e estudantes.

A compreensão do sarau pelos integrantes M1, M2, M6 e M9 reforça o caráter de liberdade de escolha de temas, da apreciação e da manifestação da cultura e também uma alternativa de obter cultura na periferia por meio da arte:

[...]que o palco é aberto, pode ir lá na frente, ler e fazer tudo o que você quiser. No sarau a gente pode se expressar, mostrar a nossa cultura. [...]E com o sarau eu tive mais cultura e saber de muitas coisas. Foi aqui que eu conheci a literatura de periferia não é ensinada na escola não, eu nunca vi nenhum professor falando não (M1)

Ajuda a compreender o que passa aqui na comunidade [...] (M2).

O Sarau trata de todas as literaturas, por que é mais livre, mas como eu falei é a mesma coisa do rap é os poemas sobre a periferia né, sobre política e essas coisas que de literatura periférica, é o que mais tem aqui né e eu gosto bastante também (M6).

O sarau é livre, basta ter vontade e mostrar a arte que está escondida dentro da gente. Ali é o espaço para que as pessoas mostrem seus textos, suas músicas, sua maneira de dançar, cantar e interpretar. Sem serem julgados, vaiados ou coisa do tipo (M9).

O Sarau, então, pode ser compreendido como prática de Educação Intercultural por meio dos dizeres dos integrantes M1, M2, M6, M8, M9 e M10, pois é considerado, nesse contexto, uma prática educativa e social de reconhecimento dos direitos humanos, das diferenças sociais, culturais e de uma prática contra a hegemonia de construção social, política e educacional.

É o sarau um ambiente no qual é proposta uma prática educativa intercultural, onde a diversidade é respeitada e livre para ser expressa e ouvida, ser manifestada. É local em que culturas convivem.

A própria configuração do sarau, um recital que, em outros tempos era elaborado, difundido pela elite e com autores dessa classe social, hoje, se apropriou de um elemento tradicional – o sarau, o recital – e reconfigurou não só o espaço, mas os temas, a literatura e os personagens que são provenientes da periferia e retratam as suas artes.

O sarau é espaço em que conversam elementos tradicionais, populares, diversos posicionamentos culturais e sociais, associando linguagens com a do universo *hip hop*, com o *rap*, o *graffite*, entre outras. É local em que são proporcionadas práticas interculturais.

No sentido exposto, M3 associa a literatura marginal/periférica, ao *rap*, ao sarau e a sua realidade e a cultura.

[...]o sarau e a literatura [periférica]serve pra retratar a realidade, cultura pra comunidade, cultura pra gente né, outra coisa também, por exemplo eu não enxergo o sarau sem ser o rap, nunca ouvi um sarau com música sertaneja por exemplo, sarau pra mim é rap. O rap é realidade e o sarau é rap.(M3).

A literatura marginal/periférica se associa ao universo da cultura *hip hop*, tanto na linguagem e, principalmente, no *rap*, na expressão e composição de poemas/ritmados com estruturas similares aos versos de *rap* e temática. De acordo com Dalcastagné (2007, p. 29),

Não se trata de dizer que o *rap*, com seu ritmo de origem estadunidense e seus *slogans* políticos estereotipados, represente a voz autêntica das populações periféricas, mesmo porque a ideia de uma tal autenticidade deve ser questionada. O importante é observar que o *rap* brasileiro gerou seus próprios códigos e seus próprios espaços de consagração, à margem do mercado, indústria fonográfica e da MTV – resistindo, até o momento com razoável êxito, às tentativas de cooptação. Ao contrário do que ocorre no campo literário, é o *rapper* branco, instruído, pequeno burguês, quem tenta mimetizar a dicção do marginalizado, mas sempre convive com o estigma de ser uma contrafação (basta pensar, por exemplo, em Gabriel O Pensador)

O *rap*, no contexto brasileiro, assim como a literatura marginal/periférica, desenvolveu-se à margem do mercado fonográfico e por protagonistas provenientes de classes populares. Ocorre um movimento inverso de apropriação do *rap* e da literatura, pois, enquanto a classe média e/ou alta tenta(m) reproduzir o som, as letras e a linguagem associadas ao universo periférico no *rap*, a literatura marginal/periférica busca não reproduzir, mas inserir o universo literário na periferia, por meio de temas, linguagem, autores e produções culturais destinados e elaborados por seus pares, ou seja, as classes populares reconfiguram o fazer literário antes elitizado.

Ainda a respeito do *rap*, mencionado por M3 – [...] *eu não enxergo o sarau sem ser o rap, nunca ouvi um sarau com música sertaneja por exemplo, sarau pra mim é rap. O rap é realidade e o sarau é rap* –, entendo que vai ao encontro do exposto por Dalcastagné (2007, p. 29) de que representa “a voz autêntica das populações periféricas.”

A escolha do *rap*, como elemento que caracteriza o sarau, se dá na compreensão dos valores periféricos atribuídos ao *rap*, pois, ao relacionar o Sarau com o *rap*, M3 afirma que o Sarau, o *rap* e a literatura marginal/periférica são as vozes da periferia que representam a sua realidade e associá-los a outras músicas ou culturas, no caso, a “sertaneja”, que também pode ser produzida por classes sociais baixas, não concebem a realidade urbana periférica.

Freire (2011), ao tecer suas considerações sobre a unidade na diversidade e multiculturalidade, propõe a importância da multiculturalidade e a considera como um fator político:

[...] a busca da unidade na diferença, a luta por ela, como processo, significa já o começo da criação da multiculturalidade. É preciso reenfatar que a multiculturalidade como fenômeno que implica a convivência num mesmo espaço de diferentes culturas não é algo natural e espontâneo. É uma criação histórica que implica decisão, vontade política, mobilização, organização de cada grupo cultural com vistas a fins comuns. Que demanda uma nova ética fundada no respeito às diferenças (FREIRE, 2011. p. 216).

Freire (2011) considera a cultura como produto da criação do homem e propõe uma não distinção ou valoração das culturas e dos objetos culturais e, desse modo, a literatura marginal/periférica, como cultura, é uma maneira de “comportar-se” e traz toda uma estética inovadora, de protesto, coloquial, periférica, com a finalidade de mostrar um comportamento de uma classe social que quer produzir e consumir cultura.

Os dizeres de M10 apontam diversidade de culturas apresentadas no sarau e na literatura marginal/periférica e o sarau como espaço mobilizador e capaz de promover o encontro de culturas marcado por vontade de liberdade e respeito às diferenças:

[...] diversidade, da pluralidade cultural. Da cultura do negro, do pobre, do favelado, do migrante, do nordestino, da roça. Da cultura urbana. A cultura da periferia é muito rica, marcada pela mescla destes diferentes e variados autores. E o sarau, que é o espaço de expressão desta cultura, desta linguagem, é por excelência um espaço da diversidade cultural.

Freire (2011), sobre a multiculturalidade, afirma que são necessários o respeito e a convivência entre as diferentes culturas e a análise das situações concretas de diversidade cultural como um fenômeno não espontâneo, mas criado, produzido politicamente e trabalhado, a duras penas na história.

A multiculturalidade é outro problema sério que não escapa igualmente a essa espécie de análise. A multiculturalidade não se constitui na justaposição de culturas, muito menos no poder exacerbado de uma sobre as outras, mas na liberdade conquistada de mover-se cada cultura no respeito uma da outra, correndo o risco livremente de ser diferente,

sem medo de ser diferente, de ser cada uma ‘para si’, somente como se faz possível crescerem juntas e não na experiência da tensão permanente, provocada pelo todo-poderosismo de uma sobre as demais, proibidas de ser (FREIRE, 2011, p. 214).

Os dizeres de M10, que reconhece o sarau e as práticas envolvendo a literatura marginal/periférica, convergem para a questão da multiculturalidade proposta por Freire (2011), visto que o sarau é fruto de uma ação coletiva, na confluência e respeito entre as culturas e diversos coletivos, escritores, músicos, atores e público que se propõem a apresentar filmes, músicas, seus poemas, livros e também a apreciação e interação entre as diversas atividades culturais realizadas no sarau.

Paulo Freire foi um dos primeiros a defender a necessidade de trabalhar a diversidade cultural dentro e fora dos “muros” escolares. Sendo assim, a proposta da literatura marginal/periférica no sarau promovido em uma escola pública de periferia configura-se como uma prática que não só promove esse debate intercultural ou de diversidade cultural, mas também questiona o lugar da cultura/literatura produzida na e para a periferia e que pode ser expandida para o centro.

O Sarau dos Mesquiteiros, mesmo tendo, como proposta, a literatura marginal/periférica e a cultura periférica, também abre espaço para “todas as literaturas”, considerando a diversidade cultural, e não somente uma literatura produzida no e para o gueto. Assim é compreendido por M6, para quem *O Sarau trata de todas as literaturas, por que é mais livre*; por M7, que considera que *A gente escolhe desde Shakespeare, Machado ou Dinha*; e por M5, segundo o qual *a Jake Rowling eu gosto muito de ler os livros dela*. Considero, portanto, que o Sarau dos Mesquiteiros é um ambiente em que pode ser congregada, sem juízo de valores, desde a literatura considerada clássica ou canônica, como Shakespeare ou Machado de Assis, até autores de demanda popular, com é o caso de Jake Rowling, autora da coleção infanto-juvenil Harry Potter, os próprios autores da literatura marginal/periférica.

Sendo assim, o Sarau permite uma confluência de culturas representadas nas diversas literaturas e práticas culturais, configurando-se como um local em que ocorrem práticas interculturais e que não se “limita” somente à literatura e/ou à cultura periférica, deixando o “gueto”, para produzir algo que surge na periferia, mas que possa ser

consumido e pensado fora do ambiente periférico e que recebe e partilha de cultura que é proveniente de outras culturas.

Holanda (2013) descreve a opinião do escritor Ferréz sobre a literatura marginal/periférica: o autor não deseja que esta fique restrita à periferia e que possa ter um “consumo” e igualdade de condições culturais entre as classes sociais. A autora também expõe sobre o pensamento de Ferréz:

Participando, em 2004, de uma mesa no Seminário Cultura e Desenvolvimento, o Ferréz, indignado, disse: ainda que eu escreva prioritariamente para minha comunidade, não quero minha literatura no gueto. Quero entrar para o cânone, para a história da literatura como qualquer um dos escritores novos contemporâneos. E não acho também que minha comunidade deve se limitar à minha literatura, ela tem o direito de ter acesso ao Flaubert. Esta afirmação de Ferréz traz consigo a chave do principal subtexto dos novos projetos culturais vindos da periferia: ou seja a grande mudança se faz na realidade através de uma concreta democratização de expectativas. Pela primeira vez na História, em alto e bom som, o pobre afirma seu desejo e direito ao consumo dos mesmos bens materiais e simbólicos, historicamente usufruídos apenas pelas classes médias e altas. Ele quer o tênis Nike de última geração tecnológica, assim como quer o acesso à informação especializada e à alta cultura (HOLANDA, 2013).

Ferréz, segundo Holanda (2013), reforça que a sua intenção é escrever para a sua comunidade, mas que não quer que ela seja a única literatura presente na periferia ou que fique só na periferia; quer que a “comunidade” tenha acesso a clássicos da literatura e que, mesmo sendo Ferréz o autor que propôs a nomenclatura literatura marginal para a literatura dos à margem da sociedade, ele quer ter a possibilidade de ser um cânone. Holanda (2013) afirma que a periferia tem o anseio de ter a cultura antes dita “elitizada” e reivindica não só a valorização, mas o direito de ser ouvida, de ter a igualdade de possuir e usufruir a cultura antes destinada a uma classe social média e alta.

O Sarau dos Mesquiteiros com um espaço mobilizador e ambiente que busca estratégias que visa à promoção de transformações sociais de acordo com Candau (2005) para a Educação Intercultural:

são necessárias para que se corrijam as marcas da discriminação construída ao longo da história. Visam melhores condições de vida para

os grupos marginalizados, a superação do racismo, da discriminação de gênero, da discriminação étnica e cultural, assim como das desigualdades sociais. Outro aspecto fundamental é a formação para uma cidadania aberta e interativa, capaz de reconhecer as assimetrias de poder entre os diferentes grupos culturais e de trabalhar os conflitos e promover relações solidárias (CANDAUI, 2005, p. 35).

Dessa forma, a literatura marginal/periférica, como cultura, é uma maneira de “comportar-se” e traz toda uma estética inovadora, de protesto, coloquial, periférica, com a finalidade de mostrar um comportamento de uma classe social que quer produzir e consumir cultura e que, de acordo com Freire (2011), que considera a cultura como produto da criação do homem e propõe uma não distinção ou valorização das culturas e dos objetos culturais e também como ambiente que visa a superação de desigualdades sociais.

Considerações finais

As reflexões construídas a partir deste artigo me fizeram compreender que a literatura marginal/periférica, no Sarau dos Mesquiteiros, pode ser uma prática de educação intercultural que busca um resgate e reconstrução dos processos de identidades culturais e pode ser observados e constatados, tanto nos dizeres quanto na escolha do repertório dos participantes e referente nas práticas e temática relacionadas à literatura marginal/periférica.

O Sarau dos Mesquiteiros se apresenta como processo de reconhecimento do direito à diferença e do questionamento às desigualdades sociais, retomando aspectos e lembranças antes silenciados historicamente, para aqueles que não tinham direito à voz e que, hoje, podem ser valorizados e apreciados em um ambiente no qual a produção cultural é destinada e produzida por seus pares.

A proposta da literatura marginal/periférica, no sarau promovido em uma escola pública de periferia de São Paulo, configura-se como uma prática que não só promove esse debate intercultural ou de diversidade cultural, mas também questiona o lugar da cultura/literatura produzida na e para a periferia.

O Sarau dos Mesquiteiros é um espaço mobilizador, de promoção e encontro de culturas em que é respeitado o direito às diferenças e à liberdade.

Referências

AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BOSI, Alfredo. Cultura brasileira e culturas brasileiras. In: _____. **Dialética da colonização**. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 32. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1995.

CANDAU, Vera Maria. **Educação intercultural no contexto brasileiro**: questões e desafios. Rio de Janeiro: Novamérica, 2003.

_____. **Cultura(as) e educação**: entre o crítico e o pós-crítico. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

DALCASTAGNÈ, Regina. **A auto-representação de grupos marginalizados**: tensões e estratégias na narrativa contemporânea. Porto Alegre: PUC-RS, 2007.

_____. **Vozes nas sombras**: representação e legitimidade na narrativa contemporânea.

In: **Ver e imaginar o outro**: alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea. Vinhedo (SP): Horizonte, 2008.

FERRÉZ, (Org). **Literatura Marginal**: talentos da escrita periférica. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

FLEURI, Reinaldo Matias. Intercultura e educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, 2003.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FERRÉZ. **Capão Pecado**. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **As fronteiras móveis da literatura**. Disponível em: <<http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/literatura-marginal>>. Acesso em: 10 out. 2013.

NASCIMENTO, Érica Peçanha. **Literatura marginal**: os escritores de periferia entram em cena. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo, 2006.

_____. **É tudo nosso! Produção cultural na periferia paulistana**. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade de São Paulo, 2011.